

Mt.4,21-25

Após a difícil travessia de um ano marcado por uma experiência única e forte como a Covid-19, é natural falar de esperança.

Esperança na ciência.

Esperança na vida.

Esperança na evangelização.

1. Esperança na ciência, no estudo, no saber

“(…) encontravam-no por dentro de tudo; música, matemática, gramática, poesia italiana e latina, história eclesiástica e civil, teologia (dogmática e moral). Para nós, como era o mestre do bom viver cristão, assim era o mestre, o juiz das nossas discussões juvenis científicas e literárias”.

(Cf. Memórias Biográficas, vol. VII, cap. XLIV, pg. 473-476 da tradução em língua portuguesa).

“Dom Bosco estudou muito a literatura especialmente a latina. Conversando conosco recitava, conforme as circunstâncias, os versos de Horácio, de Ovídio, de Virgílio, etc. etc. também quando a sua cabeça devia estar cheia de coisas muito pouco poéticas. Os clérigos, conversando com ele, vários deles dotados de talento e muito estudiosos, encontravam-no por dentro de tudo; música, matemática, gramática, poesia italiana e latina, história eclesiástica e civil, teologia (dogmática e moral). Para nós, como era o mestre do bom viver cristão, assim era o mestre, o juiz das nossas discussões juvenis científicas e literárias. Até nas matérias que pareciam longe de sua competência, assim mesmo com o seu talento versátil, com aquele seu intuito especial, sabia manter seu lugar e nós nem podíamos pensar em apanhá-lo de surpresa ou de fazê-lo ficar acanhado”.

Com sua ciência geográfica, incentivou o jovem *Marchisio* no desenho de um mapa geográfico da Itália e outros contendo os escritórios dos correios, estradas, ferrovias, vias marítimas... Depois de vários anos, a direção dos correios os aprovou e mandou imprimi-los como oficiais, dando ao *Marchisio* o emprego de diretor geral dos correios em Roma.

Ainda: uma consolação para Dom Bosco foi ver naquele ano – 1863 - seus 55 clérigos, estudantes de Filosofia e Teologia, receberem as melhores notas no Seminário de Turim.

Sem dúvida, um estímulo aos nossos jovens alunos salesianos para o cultivo do amor às ciências, numa Congregação que nasceu educadora e hoje está no mundo todo com suas escolas, obras sociais, oratórios, faculdades e universidades. Se fala hoje das “competências profissionais, emocionais e tecnológicas para tempos de mudança”. Estudar é preciso!

Não devemos confundir educação com meios didáticos. O objetivo da educação é gerar um novo homem e uma nova mulher com aulas on-line ou presenciais. Também neste tempo de pandemia devemos educar a mente, o coração e a vontade dos jovens.

Esperança no saber, na ciência, no estudo.

2.- Esperança na vida

Fala-se muito hoje do “novo normal”. O que é essa novidade? O que é este “novo”, que vai muito além de um novo ano?

A tecnologia e a revolução digital impactaram na sociedade e na vida das pessoas, introduziram novos hábitos e costumes. Isso faz parte de um contexto que impõe grandes mudanças e nos leva a conviver com situações que até um período anterior não se pensava existirem. A forma como nos comunicamos virtualmente neste tempo da pandemia, a forma de nos alimentarmos, de comprar pela internet e receber em nossa porta livros, eletrônicos, alimentos e tantas outras coisas, tudo se constitui como novos padrões de comportamento e uma forma nova de vivermos e de nos relacionarmos.

Tudo pode mudar. Tivemos novos aprendizados. Não apenas nos levou a novos hábitos – de higiene, distanciamento, uso de máscaras, entre outras coisas –, mas também atingiu todos os países, todas as idades, negócios, economias, sociedades e governos, das mais diferentes formas. Tudo com mudanças tão impactantes, que nos fazem pensar que não será possível voltarmos às mesmas condições a que estávamos acostumados. Precisaremos nos habituar a um “novo normal”.

Mudou muito nosso estilo de vida. Ficamos em casa muito tempo; a escola sofreu, a economia também. O Papa Francisco nos lembrou que estamos todos dentro de um mesmo “barco”: o da vida, o do planeta Terra. Podemos ocupar espaços diferentes e viver em condições diferenciadas, mas estamos todos expostos aos mesmos riscos e “perigos”. Temos que ter consciência de que não nos salvaremos sozinhos. A pandemia nos fez perceber o quanto somos dependentes uns dos outros. No Brasil falava-se muito que nunca compraria vacina da China, e agora... tudo pode mudar.

O que não muda é a vida. Muda o estilo de vida, a maneira como compramos as coisas e nos relacionamos. A COVID nos lembrou que somos humanos, frágeis, que se não formos solidários na “graça”, podemos ser, involuntariamente, irmãos na “desgraça”.

A palavra de ordem é “solidariedade”, ou, dito de outra forma: todos somos responsáveis por todos e, enquanto seres humanos, todos valemos uns tanto quanto os demais. Nem mais e nem menos, nem melhores e nem piores. Somos apenas humanos e finitos. A vida ganhou do coronavírus. Por isso, a educação nos ajuda a valorizar o que é essencial para a vida.

De repente as ruas ficaram vazias, as fábricas pararam, os escritórios tornaram-se as salas ou os quartos nas moradias; passamos a estar necessariamente próximos daqueles das nossas famílias com os quais quase não nos encontrávamos, mesmo vivendo dentro do mesmo lar. Para quase tudo nos faltava tempo, era difícil sentar-se para conversar, para se alimentar juntos e podermos olhar no rosto de quem habita sob o mesmo teto. Tínhamos oportunidade de abraçar e de beijar, mas, talvez, não achássemos que isso fosse tão importante, ou tão necessário quanto todas as outras coisas atrás das quais corríamos freneticamente.

Precisamos entender que a disciplina mais importante é a vida. A vida passa mesmo que não queiramos. Educar para a vida. Fazer do amor ao próximo, da solidariedade, da

fraternidade... o “novo normal”. Ajudar aos jovens a abrirem os olhos para contemplarem a realidade.

Esperança na vida.

3.- Esperança na evangelização.

A educação nunca mais será a mesma. Torna-se presencial, mas tecnologicamente adaptável. Estudar on-line será a norma. As escolas e universidades serão transformadas em um esquema híbrido para sempre.

A saúde mental está se tornando um tema recorrente e grandes plataformas ajudam as pessoas a lidarem com a solidão e a angústia que elas experimentaram isoladamente. Um dos grandes custos de 2020 é a complicação de voltar a trabalhar em equipe. Muito para se trabalhar, muito para se repensar.

O mundo está vendo este ano como um novo começo. Um renascimento. Precisamos repensar nossos objetivos pessoais, de trabalho, saúde, trabalho e espirituais. Grandes oportunidades estão chegando para cumprir todas essas exigências e mudanças de pensamento. Um novo começo com valores mais reais. Muitos comportamentos são transformados e nunca mais voltarão.

O nosso trabalho é evangelizar essas novas realidades, esse novo modo de olhar a realidade.

Evangelizar é o anúncio explícito de Jesus Cristo. Desde que a Palavra se fez carne, é possível olhar a Palavra e contemplar aquele que é inteligência (estudo), calor (a vida) e amor (evangelização). Na pessoa de Jesus a Palavra se esconde e se revela. Nós, educadores, somos semeadores de esperança: esperança na ciência, na vida e no amor.

Precisamos levantar os olhos para as coisas que duram como a vida, a família, o trabalho, o futuro, o amor, o casamento, as amizades: evangelizá-las.

Ou seja, olhar esta nova realidade com os olhos de Jesus.

A vida cristã não é estática, mas dinâmica. A Palavra de Deus não muda, mas dá sentido às coisas que mudam.

A pessoa de Jesus é perene e dá sentido às coisas que mudam.

Fazer o que fez Dom Bosco, que amava a ciência, a vida e a felicidade das crianças.

Desejo um bom trabalho para este novo ano que Deus nos concedeu.